

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

António Jesus Francisco Nunes

registada em 2009-02-02
por

Carla Aguiar e Cláudia Simões

António Jesus Francisco Nunes

A 27 de Janeiro de 1935 nasceu António Jesus Francisco Nunes. Filho de António Francisco Nunes e Maria da Assunção Jesus, ambos comerciantes e naturais da Benfeita. O pai, além do comércio tinha transportes. Com 7, 8, 9 anos já “ajudava no campo, a cultivar o milho, a apanhar a azeitona”. Frequentou a escola da Benfeita até aos 11 anos e fez a quarta classe. Dos 12 aos 19 anos trabalhou como mecânico. Depois foi para Moçambique onde ficou até 1975. “Estive 16 anos em Moçambique a trabalhar como algodoeiro. Depois veio o 25 de Abril, tivemos que regressar à pátria.” Conheceu a esposa em Portugal, mas casou-se por procuração enquanto estava em Moçambique. Tem uma filha e duas netas. Está reformado mas ainda trabalha na agricultura. “Fazemos vinho, ainda fazemos o azeite. Ainda se faz qualquer coisa. Isto está no sangue.”

Índice

Identificação António Jesus Francisco Nunes.....	4
Ascendência António Francisco Nunes e Maria da Assunção de Jesus Nunes.....	4
Infância As tarefas domésticas.....	5
Educação "Era tudo amigo".....	5
Casa "Fomos assim criados".....	6
Casamento Casamento por procuração.....	7
Descendência A minha filha Cristina.....	7
Percurso profissional Um homem de negócios.....	8
Costumes Uma terra com história.....	9
Religião "Livre dos compromissos da igreja".....	12
Lugar Liga de Melhoramentos.....	13
Migração Uma terra com muitos emigrantes.....	13
Quotidiano "Isto está no sangue".....	13
Sonhos "Bem servidos".....	14
Avaliação "Muito útil".....	14

Identificação *António Jesus Francisco Nunes*

Chamo-me António Jesus Francisco Nunes e nasci a 27 de Janeiro de 1935.



António Nunes (1953)

Ascendência *António Francisco Nunes e Maria da Assunção de Jesus Nunes*

O meu pai chamava-se António Francisco Nunes e a minha mãe Maria da Assunção de Jesus Nunes. Eram os dois naturais da Benfeita.

Eram comerciantes. Tinham taberna e mercearia, comércio geral. Lembra-me muito bem o dia-a-dia na agricultura e comércio. Fomos viver da agricultura e comércio e o meu pai tinha transportes. Tinha uma carreira semanal da Benfeita para Coimbra. Começou com mulas. Ia a Coimbra todas as semanas. Depois

comprou um carro, já noutro tempo, em 1935, e ia a Coimbra já de carro. Fizemos essa vida. O meu pai ia a Coimbra todas as semanas abastecer. Comprar mercadoria para abastecer o comércio.

Infância *As tarefas domésticas*

Eu fui criado na Benfeita, em miúdo. Na minha infância, com 7, 8, 9 anos ajudava a aquecer o forno, pôr a broa no forno, a tirar e era assim a vida. Ajudava no campo, a cultivar o milho, a apanhar a azeitona. Todos os serviços de lavoura eram feitos pelo povo, pelas pessoas da casa.

O gado soltava-se de manhã. Juntavam-se os rebanhos todos, do João, do Manel, do Joaquim e iam pastar para o monte. Aqui assim nos arredores desta montanha em volta. O gado pastava em conjunto e depois à noite regressavam aos currais, à povoação. O gado pastava nos montes e as pessoas roçavam um molho de mato para casa. Faziam um molho de mato atrás do gado. À noite ou ao meio-dia traziam um molho de mato que era para se pôr no gado. Fui muita vez. Às vezes, lá se tresmalhava uma ovelha e aparecia noutro rebanho ou assim. Mas assim uma catástrofe, que morresse gado, não se deu.

Educação "*Era tudo amigo*"

Andei na escola na Benfeita até aos 11 anos. Fiz a quarta classe. A escola era normal. Tive uma professora sempre. Ainda andei uns meses no colégio em Arganil até me empregar na oficina, como mecânico.

Na escola eram separados. Havia metade de rapazes e metade de raparigas. A escola principal era no Areal onde é a Junta de Freguesia.

"Não havia vagar de brincar"

Havia aí 50 a 60 alunos. Era tudo amigo. Havia sempre traquinices, tinha de ser. As brincadeiras eram poucas. Não havia vagar de brincar, era sempre a trabalhar. Faziam-se vários jogos. Jogava à bola, ao eixo, à cabra cega. O eixo era um jogo. Juntava-se aí dez ou 20 miúdos, dávamos a volta aqui à povoação toda a saltar uns por cima dos outros. Fazia a saltada e ajoelhava, inclinava-se à frente. Depois íamos saltando, saltando, saltando até fazer-se uma roda à volta da povoação toda a saltar uns por cima dos outros.



António Nunes e sua filha Cristina (Moçambique, 1972)

Casa "*Fomos assim criados*"

A minha casa era na praça. Um estabelecimento que há no centro da povoação, um segundo andar. Eu nasci lá já, em 1935. Foi o meu pai que construiu a casa onde a gente viveu até os meus pais morrerem. Essa era uma casa grande. Tinha o comércio no primeiro andar e vivíamos no segundo. Tinha casa de banho, quatro quartos e sótão. A cozinha que construiu era já moderna. Mas começámos a viver naquelas antigas. Cozinhas com 50 anos. A cozinha antiga era de lareira ainda. Quando fomos criados, até à idade de adultos, comíamos no mesmo prato, comíamos na mesma mesa. Só o meu pai nunca comeu no mesmo prato. O meu pai e a minha mãe comeram sempre no prato deles, mas os filhos comiam todos no mesmo prato. E fomos assim criados.

Tive duas irmãs e cinco irmãos. São sete. Eram todos mais velhos que eu. No Inverno o convívio era à lareira até ir para a cama. Contava-se uma história, os pais também contavam a história deles, e era assim a vida.

Casamento *Casamento por procuração*

Eu conheci a minha esposa já em Portugal e lembrei-me de casar. Casámos por procuração e ela foi ter a Moçambique. Uma cartinha para cá e ela foi lá ter de avião. Casámos pela igreja lá em Moçambique, na Missão do Chiúre. O casamento foi uma festazita que se fez lá só para comemorar. Vestimos uma roupa diferente. Foi mesmo um casamento a sério. Eu ia vestido de fato e ela ia de vestido. Lá usava-se muito comer o cabrito.

Já estava lá há 12 anos. Depois foi mais ou menos seis anos. Vivemos lá aquele tempo todo e viemos para a Benfeita, até agora.



Cristina, filha de António Nunes (Moçambique, 1972)

Descendência *A minha filha Cristina*

Tive uma filha. Chama-se Cristina. Mora em Oliveira do Hospital e é bancária. Nasceu em Porto Amélia, em Moçambique. Tem 32 anos. Fez a escola cá em Portugal quando veio para a Benfeita. Chegou cá, não conhecia ninguém. Depois foi para a escola. Fez na Benfeita até à quarta classe. Depois foi estudar para Arganil e para Oliveira do Hospital. Tem o 12º.

Tenho duas netas. Uma é Cristina Maria e a outra é Inês.

Percurso profissional *Um homem de negócios*

"Em Portugal de que é que se vivia?"

Com 12 anos fui trabalhar como mecânico. Havia uma empresa de mecânica em Arganil e eu fui para lá trabalhar. Trabalhei até aos 19 anos como mecânico. Depois fui para África. Emigrei, fui para África, para Moçambique. Eu já estava a trabalhar em Lisboa quando, um cunhado meu, também ia para Moçambique. Eu estava em Lisboa disse:

- É pá, vais para Moçambique? Olha também vou. Vamos os dois.

Fui no barco Moçambique. Fomos os dois. Eu fui para trabalhar como mecânico e depois fiquei lá. Fiquei lá até 1975, até à independência de Moçambique.

Os meus cunhados já eram algodoeiros lá e eu integrei-me com eles também. Deixei de trabalhar na oficina para ir para algodoeiro.

Nós semeávamos, colhíamos e vendíamos algodão cá na metrópole. Era vendido em Portugal. Havia companhias algodoeiras em Moçambique que tinham a estrutura algodoeira e nós cultivávamos e vendíamos a esses algodoeiros que estavam em Moçambique. O algodão vinha em fardos de 200 quilos. Era 10 escudos o quilo. Custava 20 contos. Em Portugal de que é que se vivia? Era do algodão que vinha das colónias. Cheguei a ter 1000 empregados. No tempo da apanha do algodão tínhamos sempre 500, 600 em média. Nós tínhamos 1000 hectares de terreno.

A casa de Moçambique era uma casa de algodoaria. Uma casa grande não era, mas também não era palhota. Eu por acaso tinha muitos cabritos e tínhamos porcos. Eu tinha 400 vacas e 200 e tal cabritos e porcos. Tínhamos muito gado.

Nós chegámos a estar na região do Chiúre, na Missão que havia, estávamos lá 30 benfeitenses, tudo agricultores. Ia muita gente para África do Sul e Angola.

Uns iam e não se davam lá, vinham-se embora. Outros ficavam e vivíamos assim. Estive 16 anos em Moçambique a trabalhar como algodoeiro. Depois veio o 25 de Abril, tivemos que regressar à pátria.

"Comércio geral"

Voltei para a Benfeita outra vez e estabeleci-me. O meu pai já tinha comércio e eu tomei conta do comércio do meu pai até 2005. Tinha comércio geral. Desde mercearia, à ferragem, a tudo. Naquele tempo, massa e arroz era tudo avulso. Um quilo de arroz custava 6 escudos. O vinho, um copo de vinho ou um litro de vinho, vendia-se a 15 tostões, 2 escudos.

Costumes *Uma terra com história*

"Valverde"

A Benfeita já se chamou Valverde. Era uma terra que tinha muita água e estava sempre verde. Então as pessoas baptizaram isto como Valverde. Depois diz que passaram uns tipos antigos e que gostaram muito da Benfeita, toda verdejante, e disseram:

- "Mas que terra bem feita aqui!"

E então ficou a Benfeita.

As festas

Na Benfeita há o santuário que faz as festas em Setembro. A festa da Senhora das Necessidades. Depois tem uma festa do Santíssimo Sacramento na igreja e há as festas regionais que é a nível da povoação. É no Areal. Basicamente não mudou muito. Ainda hoje alvoram o santo a quem a festa é dedicada. Nomeiam-se os mordomos e esses é que fazem a festa. É o dia 15 de Agosto. Vem a música de fora e uma filarmónica aqui de Côja ou Arganil, assim uma mais perto. Tocam o dia todo. Fazem a festa religiosa, a procissão, deitam foguetes e depois à noite vão-se embora. Fazem leilões com ofertas boas. É uma tradição que têm. Ofertas de 50 contos, 100 contos, cada. Não é brincadeira. As ofertas são bolos e cabritos, leitão se for preciso, um cabrito, uma cabra.

As sete povoações na Benfeita, todas têm uma capelinha. Tudo com nomes diferentes. Tem o Monte Frio que é o Santo António, Luadas é o São Simão, Pai

das Donas é a Senhora das Dores, no Sardal é a Senhora da Paz e nos Pardieiros é o São Nicolau.

Produtos da terra

Eu fazia vindimas. Colhia sempre à volta de 100 almudes de vinho. O almude tem 40 litros. Tinha a minha produção e ainda comprava aos armazenistas o vinho para vender também.

Fazíamos o azeite. Apanhava-se a azeitona para uma tulha grande, com o pessoal de fora. Depois fazia-se o azeite no lagar que era minha propriedade. O lagar é construído à beira da ribeira, funciona movido a água. A azeitona é moída com a água da ribeira. É espremida, na prensa, escaldada com água quente e depois sai o azeite. Íamos buscar, vendia-se algum na minha loja, outro comia-se em casa e era assim. O meu pai chegou a ter 1000 litros de azeite.

O milho cultivávamos nós também e cozia-se a broa. Era a minha mãe que fazia. Eu ajudava a meter ao forno e a tirar. Era a lenha. Havia muita lenha mas a serventia era má porque era às costa é que vinha. Cozíamos um forno de broa todas as semanas. Tínhamos que cultivar e depois apanhávamos o milho. Era quase sempre colhido pelos donos da seara. Secava-se nas eiras. Todas as casas tinham uma eira para secar milho.

Hoje pouca gente já cultiva, mas a tradição ainda é a mesma. Não desapareceu. Não é feita com tanta assiduidade, mas ainda hoje fazem.

"No tempo em que não havia frigoríficos"

Todos os anos se mata um porco. Em minha casa até matávamos sempre dois. Guarda-se sempre para o Inverno. Chama-se um matador, de fora da família, que vem matar o porco. Faz-se um jantar, serve-se um bocado de porco e sangue de porco. O porco é desmanchado. Separam-se os lombos e o fígado, para fazer torresmos. A carne do porco tem umas quatro ou cinco carnes todas diferentes. As pessoas da casa é que fazem a separação da carne. Depois há uma para guardar. No tempo que não havia frigoríficos, alguma carne era guardada em panelas de barro e a outra era salgada. Os presuntos, aquela carne grossa, era salgada. Aquela carne que era para conservar, para se ir comendo pelo ano inteiro, era conservada em panelas de louça com banha de porco. Os chouriços eram enterrados na banha do porco e conservado aí. Depois ia-se tirar daí e comendo pelo ano fora.

"Uma gulosice"

O rebanho dava leite. Comiam o leite, faziam queijo e era assim a vida. A mulher é que faz o queijo. O queijo é feito numa panela de barro. O leite é ordenhado do animal para a panela. A panela aquece ao lume para coalhar. Coalha e depois então, é tirado da panela para aquele acincho. É espremido e põe-se ou a secar, a curar. À tarde já se pode comer. Come-se fresco. Mas queijo fresco era uma gulosice. Não se comia queijo fresco todos os dias. Tinha que se guardar para secá-lo, curá-lo. Depois então é que se comia rijo, já curado.

Os monumentos e a história

Na Benfeita tem a igreja principal. Tem uma capela central em cima que é a primeira igreja que houve. É a capela da Senhora da Assunção.

Tem a Torre de Salazar com o Relógio da Paz. Essa torre foi construída em 1945, quando acabou a Segunda Guerra Mundial. Então, tem um relógio que dá tantas badaladas como os dias que durou a Guerra. Dá 1625 badaladas. O relógio, sem ninguém lhe tocar, chega a 7 de Maio, às dez horas, tem um automático qualquer e dá as badaladas. Quando acabou a guerra, era o Salazar que estava no Governo na altura. E o embaixador de Portugal na França era natural da Benfeita. Ele é que deu a novidade, em primeira mão para Portugal. A Guerra era na França, mais ou menos, era na Europa e o Marcelo Matias é que comunicou com o pai, que vivia na Benfeita:

- "Olha, acabou a Guerra, acabou a Guerra."

E os filhos mandaram construir a Torre.

Os ofícios

Na Benfeita havia muito tamanqueiros, funileiros, padeiros, soldados de estanho, cesteiros. Vendiam na Benfeita e iam vender às feiras. Em 1920, 1925, 1930 havia uma carreira da Benfeita para Arganil. Uma carreira de camionetas, e as pessoas iam na carreira vender à feira. Havia três vezes por semana. Segundas, terças e quintas. Havia de manhã, para Arganil e à noite para cima. Havia também uma carreira para Coimbra. A mesma que ia para Arganil seguia para Coimbra.

Havia uma estação dos correios na Benfeita. Ia um estafeta a Côja, todos os dias, buscar o correio e trazia-o à cabeça, a mala do correio. Na Benfeita havia o distribuidor da povoação que distribuía as cartas às pessoas. O estafeta, depois mais tarde já era de mota, mas ao princípio era a pé. Todos os dias ia.

As disputas

Houve sempre ranchos na Benfeita. Havia o Rancho dos Manjericos e o Rancho do Benfica. Era muito disputados um com o outro. Se um fazia festa, ia buscar tocadores a um lado qualquer, o outro fazia melhor ou tentava fazer melhor. Fomos a Coimbra mais que uma vez. Faziam festas lá para angariar fundos. Faziam festas em Lisboa, na Casa da Comarca de Arganil. O rancho trazia sempre uma quantia grande de massa. Tínhamos dois ranchos muito concorridos. Tinham entre 30 a 35 pessoas cada rancho. Hoje não há nenhum.

Dos barbeiros aos poetas

O Linhaça era barbeiro. Era o médico da terra. Esse senhor tem muitas histórias. Ele era um autêntico médico. Fez partos, curativos e assim do género. Parturientes iam lá ter os miúdos com ele. Ele desenrascava isso tudo. Ele tinha sido enfermeiro na Grande Guerra em França. E veio de lá para a Benfeita. Ele é que era o médico.

O Zé Maria era barbeiro e enfermeiro também. Fazia barbas e fazia curativos também.

O Simões Dias. Esse era poeta. Nasceu na Benfeita e depois foi para Lisboa. Seguiu lá a vida de docente e depois morreu. Morreu novo. Mas editou vários livros: as "Peninsulares", "Figuras de Cera". Ele tinha uns quatro ou cinco livros.

Religião "*Livre dos compromissos da igreja*"

Sempre houve padre na Benfeita. Desde que eu me lembre, já conheci cá quatro ou cinco padres. A gente paga uma cômgrua anual, que se paga ao padre e ele faz os funerais, as coisas religiosas de cemitério, etc.. É tudo à conta do padre. Pagamos essa cômgrua e depois estamos livres de compromissos com a Igreja. O padre actual é natural de Espariz, mas faz paróquia em Côja. Vem quase todos os dias aqui.

Lugar *Liga de Melhoramentos*

"Feito com o dinheiro do povo"

A Liga de Melhoramentos é uma associação de moradores. Tem uma direcção e fazemos umas festas para angariarmos alguns fundos para manter a Liga. Aquilo está abandonado. As pessoas emigraram muito. Um trabalha em Castelo Branco, outro trabalha no Porto, outro trabalha em Coimbra, é difícil juntar tudo. De vez em quando, lá fazemos umas festazitas. Umas pessoas dão dinheiro. Temos uma quotização anual, que pagamos, "x" escudos para manter a Liga. Na Benfeita, foi tudo feito praticamente com a Liga de Melhoramentos: água, saneamentos, ruas. Praticamente não tinha nada. Foi tudo feito com o dinheiro do povo.

Fizemos uma piscinazinha. Vêm ali tomar banho, muita gente. Foi feita o ano passado. Junta ali gente, gente da freguesia toda. Tem muita, muita gente. É bom. Vêm uns tipos que exploram a piscina. Fazem as festas grandes, bonitas. Fazem café, bolos, tudo. Ali assim está sempre cheio à noite. Aquilo foi inaugurado o ano passado só.

Há sempre umas coisas que não estão bem. A gente quer sempre o melhor para a nossa terra, não é? Isto agora tem tudo. Praticamente estamos bem servidos, em todos os sentidos. A Benfeita até está bem. Comparada com algumas terras, praticamente temos tudo. Melhorou muito. Há quatro, cinco anos fizeram-se muitas obras. As casas estavam em xisto, foram todas modificadas, arranjadas. Foi bom.

Migração *Uma terra com muitos emigrantes*

A Benfeita era uma terra que teve sempre muitos emigrantes, de Lisboa, Coimbra, Porto e África. Uns deram-se bem, outros melhor, outros pior, mas praticamente, esta povoação, foi 50%, 70% feita com dinheiro de Moçambique. Todas as pessoas que hoje há, na Benfeita, 70%, 80% das casas foram construídas com dinheiro de Moçambique. Não ficou lá ninguém. Praticamente regressou tudo de Moçambique.

Quotidiano "*Isto está no sangue*"

Agora meu amigo, sou reformado já. Mas ainda faço qualquer coisa. Ainda faço a agricultura. Não é com tanta assiduidade, mais devagar um bocadinho, mas ainda se faz. Fazemos vinho, ainda fazemos o azeite. Ainda se faz qualquer coisa. Isto está no sangue.

Sonhos "*Bem servidos*"

Sonhos praticamente realizaram-se todos. Os nossos sonhos era ter a Benfeita bem, e está. Quer dizer, a nível nacional não há melhor. Estamos bem servidos.

Avaliação "*Muito útil*"

Este projecto é útil, é muito útil. Havia de ser mais ainda. Vocês vêm-nos lembrar coisas que a gente quase até se passa de existir. Vêm avivar esse esquecimento que a gente tem. Vocês fazem muito bem. Parecem cá muito bem.